

## CLIMA ELEITORAL

## Enfraquecido, governo apanha até de aliados

Com 2026 às portas, presidente do PSD dispara contra gestão petista, que tenta reverter a queda de popularidade de Lula para torná-lo viável à recondução

» ISRAEL MEDEIROS  
» IAGO MAC CORD\*

Um ano e nove meses das eleições de 2026, o pleito já precifica os acordos políticos em Brasília e dita o ritmo das relações entre o governo federal, o Congresso e os estados. Para chegar às urnas com força política, o Planalto precisará estar de bem com o Parlamento. E isso significará dar mais espaço ao Centrão na Esplanada dos Ministérios. O presidente do PSD, Gilberto Kassab, deixou de lado o fato de o partido integrar a gestão petista e abriu artilharia, ontem, contra o Planalto. O ataque ocorre em meio ao enfraquecimento do governo, à crise econômica e à queda de popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Kassab afirmou que “o PT não estaria na condição de favorito, mas na condição de derrotado” para 2026. “Não vejo uma articulação para reverter essa tendência de piora no cenário. Não vejo nenhuma marca boa, como teve FHC e o Lula nos primeiros mandatos”, disparou, durante um evento privado de investimentos financeiros.

Ele também afirmou que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, é “fraco”. “Hoje, o que a gente vê é uma dificuldade de o ministro Haddad comandar. Não consegue se impor no governo. Ministro da Fazenda fraco é sempre um péssimo indicativo”, destacou.

A ofensiva não é sem motivo. Experiente, Kassab, que não tem motivos para desembarcar do governo, tenta pressionar o Planalto a lhe dar mais poder na Esplanada, pensando em 2026. Essas conversas começaram ainda em 2024. Seu partido tem, hoje, os comandos dos ministérios de Minas e Energia (Alexandre Silveira), da Agricultura (Carlos Fávaro) e da Pesca (André de Paula).

## Preço

A sigla tem ainda Rodrigo Pacheco (PSD-MG), atual presidente do Senado, que se aproximou do governo Lula nos últimos meses e é cotado para assumir uma pasta na reforma ministerial. Com as últimas pesquisas indicando uma queda na popularidade do governo Lula, é natural que partidos que compõem o governo queiram aumentar o preço para seguir ao lado do Executivo.

Do lado do governo, sem uma alternativa forte para bater a direita, ministros sustentam a força de Lula para ir às urnas. As declarações sobre o assunto começaram a pipocar na imprensa no mesmo momento em que o governo passa

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Gilberto Kassab: “O PT não estaria na condição de favorito, mas na condição de derrotado”

## Saiba mais

## Habilidoso estrategista

*O presidente do PSD e secretário de Governo e Relações Institucionais do Estado de São Paulo, Gilberto Kassab é apontado como um habilidoso estrategista nos bastidores da política. Ele coleciona alianças bem-sucedidas nos processos eleitorais mais recentes. Seu partido apoiou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições de 2022, ao mesmo tempo em que se aliou a Tarcísio de Freitas*

*(Republicanos) no estado de São Paulo, onde emplacou o atual vice-governador Felício Ramuth (PSD) e tornou-se secretário.*

*Além disso, o presidente do PSD apoiou o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB), nas eleições de 2024, quando o emedebista foi reeleito após passar para o segundo turno com margem estreita de vantagem ante Guilherme Boulos (PSOL) e Pablo Marçal (PRTB).*

por uma reformulação de comunicação nas redes sociais depois da chegada do marquês Sidônio Palmeira à Secretaria de Comunicação Social (Secom).

As redes de Lula e de seus aliados já entraram em clima de campanha. São comuns, agora, vídeos do presidente interagindo com a população e sendo felicitado pelos feitos da atual gestão e de seus governos anteriores.

Possível alvo em uma reforma ministerial, o ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, disse ter “certeza absoluta de que o presidente Lula vai chegar em 2026 com saúde e apetite para defender da melhor forma este governo, e a melhor forma de defender o governo é ser candidato à reeleição. Ele é o melhor para fazer isso”, como destacou em entrevista à *Folha de S. Paulo*.

A idade de Lula, que fará 81

anos em 2026, sempre foi um empecilho nas conversas sobre uma eventual disputa à reeleição desde que ele assumiu o governo. Como não surgiram alternativas com força eleitoral, ele se apresenta como uma escolha óbvia.

## Direita indefinida

Da parte da direita, os principais nomes também começam a se esforçar para aparecer mais. O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), tem comprado brigas públicas com o Executivo federal nas últimas semanas sobre a questão da dívida dos estados (Minas é um dos maiores devedores da União). Na terça-feira, ele disse que ainda não sabe se será candidato à Presidência em 2026.

Zema aproveitou, no entanto, para reforçar seu apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que está fora da disputa. Ele foi declarado inelegível em dois

processos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2023. Precisaria conseguir a anulação em ambos os casos para voltar ao páreo.

O movimento de Zema é estratégico, porque quem quer que seja o candidato da direita terá de ter a bênção de Bolsonaro para chegar ao pleito com força capaz de se equiparar a Lula.

“Eu espero que ele vença essa batalha (para reverter a ilegibilidade). Não há, me parece, segundo as pesquisas, nenhum nome que supere o dele em termos de chances de ganhar da esquerda. Então espero que haja uma reversão”, afirmou, em entrevista ao jornalista Claudio Dantas.

O governador de Minas disse também que, se a situação de Bolsonaro se mantiver, deve haver diálogo dentro da direita para chegar a um nome de consenso. “O que espero é que haja um trabalho, um diálogo da direita para que todos apoiem um único nome. Me parece que não é algo fácil devido a questões partidárias e de ego, mas que se tente, se trabalhe e que ele também venha a apoiar”, pontuou.

Apesar dos esforços de Zema e de outros governadores, o principal cenário agora, segundo o próprio Bolsonaro, é lançar um de seus filhos, caso siga inelegível. O ex-presidente quer manter sua influência em alta e já deu sinais de que não confia em candidatos que não pode controlar.

\*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



## Kassab mira em Haddad e acerta no presidente Lula

Nem só a oposição bolsonarista sentiu o cheiro de animal ferido na floresta, os aliados de conveniência também. E se aproveitam da queda de popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a começar por Gilberto Kassab, presidente do PSD, que até agora manteve um pé em cada canoa, mas ontem subiu o tom contra o governo, para aplausos da oposição. Em evento com empresários e executivos do banco de investimento UBS BB, em São Paulo, disse que Fernando Haddad é fraco na condução do Ministério da Fazenda: “Um ministro da economia fraco é sempre um péssimo indicativo”.

Kassab aqueceu a fritura que o ministro da Fazenda já vem sofrendo por parte da presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), cotada para ser ministra, e do ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, cada vez mais poderoso: “Eu acredito no sucesso da economia quando você tem ministros de economia fortes. No próprio governo do FHC, no qual eu fui deputado federal, você já levar algumas sugestões para o presidente e ele mesmo falava ‘isso não é comigo, é com o Malan’. No governo Lula, o Palocci comandava. No governo Temer, Meirelles comandava. Todos os bons momentos do Bolsonaro foram relacionados ao Paulo Guedes. E a presidente Dilma não foi bem porque ela queria comandar a economia”.

O presidente do PSD critica Haddad num momento de fraqueza do ministro, por causa do desgaste sofrido por Lula em razão de uma instrução normativa sobre fiscalização do Pix emitida pela Receita Federal, que passou para a opinião pública a falsa ideia de que seria cobrada uma taxa nas operações dessa modalidade. Quando atira em Haddad, porém, Kassab acerta no presidente Lula, cuja reeleição põe em dúvida: “O PT não estaria na condição de favorito, mas na condição de derrotado. Não vejo uma articulação para reverter essa tendência de piora no cenário. Não vejo nenhuma marca boa, como teve FHC e o Lula nos primeiros mandatos”, disse.

Na avaliação de Kassab, o governo federal tem errado na condução da política econômica e não tenta corrigir sua rota. Se a eleição presidencial fosse hoje, Lula perderia. Entretanto, ainda seria um candidato forte: “Ele tem muita experiência, pode fazer uma reviravolta no seu governo. O que precisa fazer para ganhar, ele faz”, ponderou. Kassab sabe que o Lula ainda tem muitas cartas na manga, uma delas foi anunciada ontem: a aprovação de empréstimos consignados para trabalhadores com carteira assinada, como lastro no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), proposta que torna esse crédito acessível a 40 milhões de trabalhadores.

Entretanto, o consignado aponta na direção da expansão do crédito para consumo, com objetivo de manter a economia aquecida, com juros mais baixos, à custa do maior endividamento da população, ou seja, mais uma fuga para a frente na questão fiscal. Lula não se convenceu de que o governo precisa de contenção de gastos para reduzir a dívida pública e controlar inflação, sem o Banco Central que aumenta ainda a taxa de juros. Com isso, gera desconfiança no mercado e faz a balança do equilíbrio fiscal pender para o aumento da arrecadação, num momento em que o Congresso se recusa a aumentar impostos, com apoio dos consumidores.

## Reforma ministerial

O PSD conta com três ministros no governo Lula: Carlos Fávaro (Agricultura), André de Paula (Pesca) e Alexandre Silveira (Minas e Energia). Nos bastidores do Palácio do Planalto, havia quem defendesse que Kassab viesse a fazer parte de governo como ministro da Agricultura, na reforma ministerial que está sendo gestada no Palácio do Planalto. No entanto, subiu no telhado a tese de que Lula deveria formar um ministério com os caciques das legendas que participam do governo, com objetivo de aprovar as matérias de seu interesse no Congresso e formar a coalizão eleitoral que articula para concorrer à reeleição. Perdeu expectativa de poder.

Com as declarações de ontem, Kassab descartou qualquer possibilidade de deixar o governo de Tarcísio de Freitas (PR) para ser ministro de Lula. Prefere manter distância regulamentar do projeto de reeleição e trabalha para que o PSD seja uma alternativa de poder, seja em aliança com Tarcísio de Freitas, cada vez mais pressionado a concorrer à Presidência, seja com um candidato próprio. As conversas para uma fusão com o PSDB caminham nessa direção.

“É uma conversa difícil, porque o PSDB tem muita história, mas é uma conversa que está acontecendo, pode ser bem-sucedida e pode resultar num partido maior, mais fortalecido, com grande perspectiva de ocupar um espaço mais importante ainda no cenário da política brasileira”, explica Kassab, que não descarta a possibilidade de lançar o atual governador do Paraná, Ratinho Junior, como candidato do PSD, ou mesmo Eduardo Leite, o governador tucano do Rio Grande do Sul, caso a fusão se concretize.

Na avaliação de Kassab, qualquer candidato de centro que chegar ao segundo turno tem chances de derrotar Lula. O único que perderia a disputa seria Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filho de Jair Bolsonaro, ou outro nome ligado à família, como o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) ou a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Por ironia, a fragmentação da oposição, com as candidaturas de Romeu Zema (Novo), Ronaldo Caiado (União Brasil) e Ratinho Jr., favorece Bolsonaro, que poderia levar seu candidato ao segundo turno se carrear de 18% a 20% dos votos para quem apoiar.

## Gleisi deve ganhar ministério no Planalto

» VICTOR CORREIA

A presidente nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PT-PR), é cotada para assumir a Secretaria-Geral da Presidência da República, pasta responsável pela articulação do governo com movimentos sociais. Ela deve assumir o cargo ocupado atualmente por Márcio Macêdo. Por sua vez, o ministro ainda não tem destino definido, mas pode ser indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para alguma estatal.

Gleisi é aliada próxima de Lula e considerada uma das principais candidatas para o governo na iminente reforma ministerial. O presidente estuda anunciar uma série de mudanças na Esplanada para ajustar o funcionamento do Executivo e acomodar forças políticas, especialmente do centro.

A deputada federal tem perfil mais combativo e defende pautas

que agradam movimentos sociais, mesmo quando vão de encontro a outros vetores do governo. Por exemplo, ela criticou diversas vezes as políticas de austeridade fiscal apresentadas pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

A Secretaria-Geral é uma das pastas palacianas, ligadas diretamente ao gabinete de Lula, o que permite articulação próxima entre os ministros e o presidente. Gleisi também tem bom trato com parlamentares, auxiliando na defesa de pautas caras ao governo no Congresso.

A gestão de Márcio Macêdo, por sua vez, vem sendo criticada pela falta de diálogo com movimentos sociais e pela baixa mobilização. Apesar disso, o ministro é aliado próximo do presidente e frequentemente elogiado.

Interlocutores da Secretaria-Geral procurados pelo Correio destacaram que Macêdo continua trabalhando normalmente na pasta, apesar das

Ichiro Guerra/PT



Gleisi é cotada para a Secretaria-Geral da Presidência da República

movimentações por sua saída, e que inclusive está finalizando o planejamento para 2025 e 2026.

Caso a nomeação se confirme, Gleisi terá de deixar o cargo

de presidente nacional do PT, que ocuparia até julho deste ano. O prefeito de Araraquara, Edinho Silva, é o mais cotado para substituí-la.